



RELATORIO ESPECIAL

# Mudança religiosa na América Latina, presente, passado e futuro

Madrid, setembro 2014

**d+i** LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO
2. UM FENÔMENO DIVERSO E HETEROGÊNEO
3. QUANTOS SÃO OS EVANGÉLICOS
4. COMO SÃO OS EVANGÉLICOS
5. BRASIL, O PAÍS COM MAIOR NÚMERO DE EVANGÉLICOS
6. A SITUAÇÃO NA GUATEMALA
7. A SITUAÇÃO EM HONDURAS, NICARÁGUA E EL SALVADOR
8. RESTO DA AMÉRICA CENTRAL E O CARIBE
9. AS PECULIARIDADES DO CASO MEXICANO
10. O PENTECOSTALISMO NOS ANDES
11. CAUSAS DO CRESCIMENTO DO MOVIMENTO EVANGÉLICO
12. CONCLUSÕES

LLORENTE & CUENCA

## 1. INTRODUÇÃO

O surgimento da candidatura de Marina Silva nas eleições presidenciais brasileiras pôs em primeiro plano o peso e a importância que os evangélicos têm na política de alguns países latino-americanos. Marina cresceu nas pesquisas ao canalizar o voto de protesto, o contrário ao governo do PT e o voto evangélico. Filiada ao PSB, um partido que desfralda princípios laicos, as crenças religiosas de Marina estiveram muito presentes no desenvolvimento da campanha: tornou público sua rejeição aos casamentos homossexuais e rejeitou qualquer tipo de flexibilização do aborto. Cresceu espetacularmente nas pesquisas aliando o voto "progressista" e o evangélico: nas pesquisas realizadas, entre os católicos, Dilma liderava (38% a 30%). Marina tinha uma vantagem mais significativa entre evangélicos de igrejas não pentecostais (44% a 29%) e entre as pentecostais (41% a 30%). Claramente o voto tem um tom religioso embora o fator carisma seja chave, já que o evangélico Pastor Everaldo (PSC) sempre rondou entre 1% e 3% quando Marina é a favorita entre os evangélicos (43%).

Meses antes, em maio, o Partido Ação Cívica da Costa Rica, que nas eleições de abril tinha conquistado a presidência, buscou alianças com outras forças a fim de ter os votos suficientes para escolher as autoridades do Poder Legislativo. Para isso, este partido de corte social-democrata pactuou com a esquerda da Frente Ampla e com um partido, Renovação Costa-Riquenha (RC), que conta com dois deputados e encarna os valores e aspirações dos evangélicos costa-riquenhos. O PAC aceitou, a princípio, adiar a legislação propícia aos direitos dos homossexuais em troca de apoio político da RC. Apesar de o acordo ter acabado sendo rompido pelas pressões e críticas dos coletivos gays, que apoiaram o PAC e seu candidato presidencial, Luis Guillermo Solís, estes fatos mostraram abertamente o grau de influência não só social e religiosa, mas também política, que os evangélicos alcançam, capazes de criar partidos com representação parlamentar e com um papel destaque no âmbito político.

Brasil e Costa Rica são mais um exemplo de como a América Latina viveu uma verdadeira "revolução silenciosa" desde os anos 50 até a atualidade. Neste meio século mudou o modelo econômico e de desenvolvimento (da Industrialização por Substituição de Importações aos atuais modelos de exportação de bens primários), se transformou a estrutura social (se passou de uma sociedade polarizada a outra na qual as já amplas e heterogêneas classes médias e os setores populares urbanos têm cada vez mais peso), variou o modelo político predominante (das ditaduras e governos autoritários a uma difusão do sistema democrático) e também houve profundas mudanças culturais devido à urbanização acelerada, o aumento da alfabetização e à progressiva incorporação da mulher ao mercado de trabalho.

**“A proporção de latino-americanos que se declaram católicos passou de 75%, em meados dos anos 90, para cerca de 67% em 2014”**

Dentro dessas mudanças culturais se destaca a diversificação religiosa na América Latina, produto do avanço das diferentes igrejas protestantes, evangélicas e pentecostais que acabaram tornando mais complexo o panorama religioso na América Latina e especialmente em países como Guatemala, Honduras, Brasil e Chile, onde entre um terço e 40% da população abandonou o catolicismo para optar por alguma dessas igrejas evangélicas. Assim, a tradicional e histórica homogeneidade religiosa latino-americana vinculada ao catolicismo (produto da conquista e colonização espanhola e portuguesa) se dividiu no último meio século com o crescimento explosivo dos diferentes ramos do movimento evangélico (pentecostais, primeiro, e neopentecostais, depois).

Curiosamente, a modernização política (democratização), social (urbanização e ascensão das classes médias) e econômica (globalização) não veio atrelada, como em outras partes do mundo, à secularização. A América Latina permanece como uma região onde a religião —católica ou protestante— é predominante para a imensa maioria da população de cada país com a exceção do Uruguai. Existe um amplo consenso entre os acadêmicos sobre a magnitude da mudança, nem tanto quanto às razões da mesma. O especialista dominicano em história e atualidade do fato religioso, Marcos Villamán, assinala que “não se pode negar que o panorama sociorreligioso de hoje é muito diferente de como se apresentava há alguns anos: à predominância evidente de corte católico-romano acompanhada de uma presença, relativamente tímida, do protestantismo histórico e de certas

expressões evangélicas, sucedeu na atualidade, uma irrupção realmente impressionante das igrejas pentecostais e neopentecostais”.

A proporção de latino-americanos que se declaram católicos passou de 75%, em meados dos anos 90, para cerca de 67% em 2014, como mostra o estudo de opinião pública regional Latinobarómetro, o qual para sua diretora Marta Lagos mostra que “a Igreja (católica) deixou de ser onipotente e totalmente dominante”. Cristian Parker Gumucio, do Centro Dominicano de Pesquisa da Costa Rica, nessa mesma linha ressalta que “as taxas de crescimento do catolicismo foram revertendo sistematicamente”, e ficou para trás a definição de “um continente católico”, pois “agora estamos na presença de um claro pluralismo no campo religioso da América Latina”. Em sua análise, Parker assinala que o novo panorama religioso da América Latina mostra uma queda do catolicismo e da Igreja Católica: “Não estamos diante de um continente que se tenha secularizado ou que se tenha tornado protestante: estamos diante de uma realidade marcada por uma tendência ao aumento leve, mas constante, do pluralismo religioso, frente a uma Igreja Católica que continua sendo majoritária”.

Nas seguintes páginas serão mostradas as peculiaridades do movimento evangélico na América Latina, sua heterogeneidade no grau de desenvolvimento de país a país, suas características principais, como são, quantos são, que pensam e daí que papel representam politicamente seus diferentes ramos, protestantes, pentecostais e neopentecostais.

**“É preciso diferenciar entre o protestantismo histórico (o presbiteriano, metodista, batista), produto da emigração no século XIX, do que se desenvolveu, em diversos períodos e de forma explosiva, ao longo do século XX”**

## 2. UM FENÔMENO DIVERSO E HETEROGÊNEO

"Não é necessário explicar que o termo "pentecostalismo" designa um amplo movimento religioso que abriga uma grande variedade de grupos com formas de prática muito diferentes". Estas palavras do acadêmico (doutor em teologia e sociologia), Heinrich Schäfer refletem muito fielmente o que é e o que significam os novos movimentos religiosos protestantes que foram chegando à América Latina em sucessivas ondas, até culminar com sua grande expansão a partir dos anos 70.

Efetivamente, a primeira coisa que é necessário ressaltar é que nos encontramos perante um fenômeno religioso (o evangélico) muito heterogêneo, e embora o normal seja escutar e ver escrito "os evangélicos", este é um termo que esconde um amplo leque de situações. Na linguagem popular, e até na dos meios de comunicação, "a palavra evangélico pode se referir a qualquer cristão que não seja católico". No entanto, é preciso diferenciar entre o protestantismo histórico (o presbiteriano, metodista, batista), produto da emigração no século XIX, do que se desenvolveu, em diversos períodos e de forma explosiva, ao longo do século XX, em especial no último terço dele.

O primeiro protestantismo, o histórico e tradicional arcaico, começou a germinar após as independências dos países latino-americanos e do triunfo dos partidos e forças liberais na segunda metade do século XIX, graças a uma legislação muito mais per-

missiva com as religiões não católicas. Esse protestantismo era composto por dois tipos de igrejas de origem missionária:

- As procedentes da Europa, fundamentalmente luteranos (alemães) presbiterianos (escoceses), anglicanos (ingleses), valdenses (franceses e italianos), reformados (holandeses e suíços), batistas (galeses), menonitas (holandeses e suíços).
- As de procedência americana como as igrejas luteranas, episcopais (anglicanas de origem americana), presbiterianas, quakers, metodistas e batistas.

Depois, já no século XX, chegaram à América Latina as três ondas de igrejas vinculadas ao pentecostalismo, um movimento de reforma religiosa que surgiu dentro do evangelismo, nascido nos Estados Unidos em 1904:

- A primeira onda evangélica se desenvolveu em torno de 1910 com fenômenos como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, sobretudo a Igreja de Deus, a Igreja da Profecia e a do Príncipe da Paz na Guatemala.
- A segunda começou nos anos 50, o primeiro pentecostalismo, com igrejas como a do Evangelho Quadrangular - Cruzada Nacional de Evangelização (1953), Igreja Pentecostal "O Brasil para Cristo" (1956), Igreja da Nova Vida (1960), Igreja Pentecostal "Deus é Amor" (1961), Casa da Bênção (1964), Metodista Wesleyana (1967).

**“Enquanto o pentecostalismo buscou crescer entre os setores populares, o neopentecostalismo o faz nos setores médios e altos da sociedade”**

Como assinala o antropólogo americano David Stoll, esta segunda onda de evangelismo foi muito bem-sucedida já que os pentecostais latino-americanos passaram de representar dois terços dos protestantes latino-americanos nos anos 60, a três quartos nos anos 80. Em 1984, 9,9 milhões de seus 12,9 milhões de “membros e simpatizantes” fora dos Estados Unidos estavam na América Latina e mais de seis milhões no Brasil, graças sobretudo a que o pentecostalismo conseguiu nesta época uma forte presença nos setores populares urbanos.

- E a terceira corrente, que é a que atualmente tem mais sucesso e presença, é o neopentecostalismo nascido das correntes pentecostais e os grupos renovadores carismáticos dos anos 50 e 60. Neste segmento se destacam igrejas como o Salão da Fé (1975), a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça (1980). Desde os anos 70 o mais forte aumento aconteceu na América Central, especialmente na Guatemala (igrejas do Verbo e Elim), Honduras, Nicarágua e El Salvador.

Surgiram e progrediram em pleno processo de transformação das sociedades latino-americanas, como assinala o pesquisador do "Centro de Sociologia de Religiões e de Ética Social" (Estrasburgo), Jean-Pierre Bastian: "Este movimento ignorado, desprezado inclusive pelos luteranismos históricos até os anos

60, começou a partir dos anos 20 uma difusão e uma expansão que de fato hoje mudaram as relações de forças no campo religioso latino-americano. A difusão e expansão se aceleraram com os anos 50 na medida em que as povoações e as sociedades latino-americanas viveram mudanças drásticas a partir de então, com as migrações maciças de camponeses rumo ao que iam ser as grandes metrópoles dos diferentes países da região.

O neopentecostalismo (o crescimento evangélico desde os anos 70 se deve principalmente aos neopentecostais) se caracteriza por haver introduzido algumas mudanças doutrinárias (em relação, sobretudo, com o papel do Espírito Santo), na liturgia, onde dão "ênfase no fervor emocional", no emotivo e no espontâneo. Enquanto o pentecostalismo buscou crescer entre os setores populares, o neopentecostalismo o faz nos setores médios e altos da sociedade. Essas novas igrejas estão vinculadas a movimentos urbanos, identificados com a irrupção de uma sociedade de massas e se encontram plenamente inseridas no mundo globalizado já que crescem apoiados entre outras coisas no domínio profissional dos meios de comunicação de massas (utilizam rádio, televisão e internet para divulgar sua mensagem) e administrando suas igrejas com um estilo empresarial de produção e distribuição de bens religiosos.

Contam com uma liderança carismática, e sua estrutura é horizontal, o que contribuiu para estender sua influência em países tão grandes como o Brasil ou

**“As novas igrejas  
oferecem serviços  
espirituais, mas  
também acesso  
à saúde”**

de tantos contrastes sociais e étnicos como a Guatemala. Caracterizam-se, além disso, por se organizar através de igrejas locais e grupos independentes ou semiautônomos (à margem das denominações episcopais) onde a figura-chave é o pastor. No entanto, no interior de cada igreja a estrutura é fortemente piramidal, mas com a suficiente capacidade, flexibilidade e autonomia para se adaptar às circunstâncias concretas de cada região ou país.

O pentecostalismo, e mais ainda o neopentecostalismo, apela para a parte irracional, sentimental e experimental dos indivíduos, utiliza com desenvoltura as línguas autóctones (daí seu sucesso na penetração entre os setores rurais indígenas), assim como a linguagem comum para se aproximar de seus seguidores. Suas estratégias se baseiam no marketing, especialmente as curas, a utilização da música nas cerimônias e o destaque que põem na oralidade e nas práticas populares tradicionais.

Sua pregação tem um êxito especial entre setores antes não levados em conta como as mulheres, os indígenas e os pobres. Os pentecostais e neopentecostais "estão muito presentes em termos de ocupação geográfica, nas favelas, no campo e nos subúrbios das cidades. Têm uma comunicação muito fluente com a base social e por isso são muito procurados pelas diferentes forças políticas", assinala Roberto Romano, professor de ética e filosofia da Universidade Estadual de Campinas, autor de "Brasil, Igreja contra Estado", que

acrescenta que "tiveram uma acolhida especial entre as mulheres, devido a sua aposta na restauração da unidade familiar e da família, o que capta o interesse feminino, representando a rejeição à violência familiar e ao machismo".

A evolução nas últimas décadas fez com que as igrejas evangélicas experimentassem também um processo de institucionalização e burocratização, de pluralismo social e inclusive de transnacionalização causada pela utilização dos meios de comunicação. Inicialmente estas igrejas atraíram os setores mais vulneráveis da sociedade (emigrantes internos, desempregados e setores populares), mas desde os anos 80 especialmente os neopentecostais foram se especializando socialmente e chegaram à classe média, universitários, profissionais e empresários. As novas igrejas oferecem serviços espirituais, mas também acesso à saúde, ajudam seus membros a abandonar o alcoolismo e a toxicomania e são espaços de refúgio comunitário frente à crise da família tradicional. Agruparam-se em torno de lideranças carismáticas (como Cash Luna na Guatemala, René Peñalba, Tomás Barahona e Misael Argeñal em Honduras), que manejam de forma empresarial suas igrejas e têm como uma de suas marcas a construção de grandes templos (em 2013 Cash Luna inaugurou a nova e monumental sede da igreja Casa de Deus, com capacidade para 11 mil fiéis) além de escolas, colégios e universidades.

Sua capacidade de adaptação incluiu uma rápida entrada nos novos sistemas de comunicação desenvolvidos desde os 90: páginas na

**“As organizações cristãs mais bem-sucedidas contam com sedes em outros países e se transformaram em empresas multinacionais”**

internet, estações de rádio, canais de televisão que se uniram à ampla infraestrutura com colégios, livrarias, cafeterias, estúdios de gravação. Mantêm um culto musicalizado que apela para as emoções, com curas físicas e prosperidade econômica. As organizações cristãs mais bem-sucedidas contam com sedes em outros países e se transformaram em empresas multinacionais. Como assinala o sociólogo guatemalteco e pastor protestante Vitalino Similox "as igrejas pentecostais se transformaram em empresas que desenvolvem estratégias de comercialização e de distribuição multilateral de bens simbólicos, religiosos. Sua hibridação se traduz na justaposição de diferentes níveis de empréstimos, que incluem o conteúdo das crenças, as formas de transmissão e comunicação, os recursos a mediações tanto arcaicas como modernas".

### 3. QUANTOS SÃO OS EVANGÉLICOS

Como assinala o acadêmico David Martin, o movimento pentecostal e o neopentecostal estiveram marcados por seu rápido crescimento. Frente ao modesto aumento das antigas formas da fé protestante no século XIX e evangélica até os anos 50. Na atualidade as igrejas neopentecostais "excederam amplamente (o protestantismo) pelo crescimento do pentecostalismo, em primeiro lugar as assembleias de Deus. As assembleias de Deus constituem provavelmente um quarto da atual força evangélica na América Latina".

Como se pode ver no quadro 1 em apenas meio século o protestantismo passou de 7 milhões na América Latina para 107 milhões no século XXI, destacando a progressão em países como Guatemala, Honduras, Nicarágua, países onde supera 40% da população e no México e Chile, onde alcança mais de um quinto da população.

Com mais de 560 milhões de fiéis —mais de 105 milhões deles na América Latina e no Caribe— os evangélicos representam 25% dos cristãos no mundo, segundo o Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França (CNRS). As igrejas evangélicas estão crescendo cada vez mais na região latino-americana: se em 1900 existiam apenas cerca de 50 mil protestantes em toda a América Latina, já em 1930 eles chegavam a um milhão. Depois foram se duplicando década a década: 5 milhões em 1950, 10 milhões em 1960, 20 milhões em 1970, e 50 milhões uma década

QUADRO 1

PAÍS	1960	1990	2010	2013-2014
América Latina	7.700.000	37.000.000	107.000.000	107.000.000
Brasil	4.000.000	19.600.00 (13%)	42.300.000 (22%)	42.300.000 (22%)
México	897.000	4.675.000 (5,5%)	8.000.000 (10%)	8.000.000 (10%)
Chile	834.000	1.200.000 (12%)	2.000.000 (16,6%)	2.000.000 (16,6%)
Argentina	414.000	1.360.000 (4%)	4.000.000 (9%)	4.000.000 (9%)
República Dominicana	327.000	700.000 (10%)	1.800.00 (18%)	1.800.00 (18%)
Cuba	264.000	Sem dados	1.000.000 (10%)	1.000.000 (10%)
Guatemala	149.000	3.325.000 (35%)	5.500.00 (40%)	5.500.00 (40%)
Peru	94.000	1.680.000 (8%)	2.610.000 (12,5)	2.610.000 (12,5)
Colômbia	92.000	2.400.000 (8%)	5.000.000 (16%)	5.000.000 (16%)
Panamá	57.600	360.000 (10%)	600.000 (16%)	600.000 (16%)
Bolívia	46.600	525.000 (7,5%)	3.000.000 (16%)	3.000.000 (16%)
El Salvador	41.778	1.155.000 (21%)	2.000.000 (38%)	2.000.000 (38%)
Uruguai	42.600	45.000 (1,5%)	55.000 (8%)	55.000 (8%)
Honduras	37.666	255.000 (5%)	2.000.000 (41%)	2.000.000 (41%)
Paraguai	36.560	308.000 (7%)	500.000 (8%)	500.000 (8%)
Venezuela	26.000	800.000 (20%)	1.300.000 (13%)	1.300.000 (13%)
Nicarágua	34.600	525.000 (7,5%)	1.800.000 (30%)	1.800.000 (30%)
Costa Rica	22.000	275.000 (8,9%)	1.000.000 (21%)	1.000.000 (21%)
Equador	40.000	300.000 (3%)	1.700.000 (13%)	1.700.000 (13%)

Fonte: Elaboração própria com dados do Latinobarómetro 2014.

**“Atualmente, na América Latina e no Caribe 20% de seus 600 milhões de habitantes seriam evangélicos”**

da mais tarde. Calcula-se que no ano 2000 os protestantes/evangélicos rondavam os 100 milhões. Atualmente, na América Latina e no Caribe 20% de seus 600 milhões de habitantes seriam evangélicos sendo o país com mais evangélicos o Brasil, que já conta com 42 milhões de membros, embora na Guatemala o peso seja maior em relação à população total, já que supera os 40%.

Além disso, se trata de um grupo em progressão e aumento como indicava recentemente o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que mostrou uma queda de quase dez pontos percentuais no número de católicos entre 2000 e 2010: de 74% passaram a ser 64,6% da população nesse período. O pesquisador do IBGE, Claudio Crespo, assinala que "nos anos 70, 92% da população brasileira era católica, atualmente é 64%, ou seja, uma queda de 28 pontos percentuais em relação a 2010. Em relação aos anos 70, um de cada quatro católicos deixou de sê-lo". Em 2000, os católicos brasileiros somavam 125 milhões e representavam 73,6% da população, enquanto em 2010 já eram 123,3 milhões, 64,6% do total. Durante o mesmo período, os evangélicos ganharam quase 20 milhões de seguidores e passaram de 26,5 milhões (15,4% da população) para 42,3 milhões (22,2%). De forma similar na Guatemala tinha a porcentagem era de 2,8% em 1935, número que persistiu até 1950. Depois, começou a aumentar em cada década: 1960 (3,2%), 1970 (5,8%), 1980 (13,8%), 1990 (18,0%), 2000 (29,8%) e 2010 (31,7%). Para 2014 a situação é

de 47% de católicos frente 40% de evangélicos, segundo o último relatório do Latinobarómetro.

Neste sentido, o pesquisador David Stoll assinala que "o que faz com que as conquistas evangélicas sejam notáveis não é o simples aumento em termos absolutos. Após tudo, as altas taxas de natalidade na América Latina poderiam duplicar o número de protestantes a cada 20 anos sem mudar sua proporção em relação à população total. O que é surpreendente é a crescente presença de evangélicos como porcentagem. Desde 1960 os evangélicos têm aproximadamente duplicado sua proporção em relação à população em Chile, Paraguai e Venezuela, e nos países caribenhos do Panamá e do Haiti. De acordo com a mesma fonte, desde 1960 os evangélicos triplicaram sua proporção a respeito da população em Argentina, Nicarágua e na República Dominicana. No Brasil e em Porto Rico, a proporção evangélica quase que quadruplicou desde 1960. Em dois países centro-americanos, El Salvador e Costa Rica, assim como em dois países andinos, Peru e Bolívia, a proporção evangélica durante o mesmo período quintuplicou. Em outros dois países andinos, Equador e Colômbia, assim como em Honduras, acredita-se que ela tenha se sextuplicado. E na Guatemala, a proporção evangélica da população desde 1960 até 1985 aumentou cerca de sete vezes".

Por que aconteceu tal expansão das igrejas evangélicas, tanto pentecostais como neopentecostais, na América Latina desde os anos 70?



“Aumentaram os agnósticos e os não crentes, mas na América Latina persistiu o número de crentes tanto católicos como protestantes em seus diferentes ramos”

Neste aspecto, abundam as teorias para responder a essa pergunta:

- Começando pelas conspirativas, baseadas no relatório Rockefeller de 1969, que asseguravam, e ainda sustentam, que o ápice das igrejas evangélicas respondia a uma estratégia contrainsurgente dos EUA e da CIA para deter o auge da Teologia da Libertação. Isto é o que deu base para a tese conspirativa, inclusive com declarações de figuras como o cardeal mexicano Juan Sandoval Íñiguez que chegou a afirmar que "eles (os protestantes) estão aqui devido à iniciativa dos EUA, como bem se sabe pelo Relatório Rockefeller".
- De mais seriedade e cunho acadêmico e intelectual são as hipóteses que começaram a se desenvolver no final dos anos 60 e que se prolongam até os dias de hoje. Teorias mais centradas em causas endógenas que insistem nos processos de modernização socioeconômica e urbanização por isso que atravessaram os países latino-americanos e que provocaram, por um lado, um claro processo de secularização, mas por outro, uma diversificação das práticas religiosas dentro de sociedades cada vez mais plurais, que experimentaram uma mudança cultural, com retorno ao sagrado inclusive. Ao contrário do que ocorre em outras regiões do mundo, a modernização não levou a uma secularização generalizada. Aumentaram os agnósticos e os não crentes, mas

na América Latina persistiu o número de crentes tanto católicos como protestantes em seus diferentes ramos. Como aponta Villamán, "a religião, neste contexto, seria uma das respostas preferidas, pois ela, efetivamente constrói ou repara certezas e dota de sentido a ação individual e social. Essa foi e é uma de suas reconhecidas funções sociais".

O certo é que o auge do evangelismo é de caráter multicausal como os trabalhos de Emile Willems, Lalive D'Epina, David Martin e Jean-Pierre Bastian vieram demonstrando nas últimas décadas. Eles insistem em que se iniciaram as igrejas evangélicas em uma América Latina, a dos 50 aos 70, imersa em grandes e múltiplas mudanças, as quais explicam em grande parte porque existia um terreno propício para seu desenvolvimento:

- **Crise na Igreja Católica:** Não se pode entender a expansão evangélica sem levar em conta a crise pela qual atravessou a Igreja Católica nos anos 60 e 70. Uma Igreja Católica muito dividida, sem coesão interna, radicalizada e politizada entre setores mais tradicionais (uma parte da elite do episcopado) e setores vinculados com o marxismo dos quais surgiu a Teologia da Libertação. Como explica Vitalino Similox (pastor presbiteriano, teólogo e sociólogo) para o caso guatemalteco "nos anos 70, alguns católicos de classe média alta que se sentiram traídos quando um setor da hierarquia católica começou a expressar uma op-

“Desde meados do século XX o crescimento demográfico e o salto de uma sociedade rural para uma urbana puseram a Igreja Católica em uma situação para a qual não estava preparada”

ção preferencial pelos pobres, encontraram na teologia da prosperidade, nos espetáculos profissionalmente montados dos televangelistas e nos encontros de oração em hotéis de luxo, uma nova explicação a partir da fé cristã para sua posição privilegiada na sociedade. A teologia da prosperidade também ofereceu um opção atrativa a muitas pessoas pobres ou de classe média baixa que desejavam fortalecer sua disciplina pessoal e aumentar sua autoestima”.

Além disso, desde meados do século XX o crescimento demográfico e o salto de uma sociedade rural para uma urbana puseram a Igreja Católica em uma situação para a qual não estava preparada, pois não contava com os recursos humanos para atender às multidões que começavam a povoar as periferias urbanas. As migrações internas e a explosão demográfica aguçaram a chamada "crise das vocações sacerdotais”.

- **O novo impulso dos pentecostais:** Uma Igreja Católica que, além disso, recebeu os golpes da repressão dos estados contrainsurgentes nos anos 60 e 70 e cujo vazio foi preenchido por igrejas protestantes que não se misturavam tão diretamente em política. Ao mesmo tempo, novas missões protestantes de tipo evangélico e pentecostal, procedentes especialmente dos Estados Unidos, pregavam uma nova forma de se aproximar de Deus, baseada na conversão, no êxtase religioso, na

experiência pessoal e nos milagres. O desembarque dessas missões evangélicas ofereceu uma alternativa para aqueles que não encontravam refúgio na Igreja Católica, a qual não satisfazia as necessidades religiosas nem alcançava todo o território.

Além disso, as igrejas evangélicas, desenvolvidas em um primeiro momento por missionários americanos, ganharam em autonomia e foram se desvinculando do cordão umbilical americano. Já nos anos 70, pastores autóctones começaram a transformar a mensagem pregada pelos missionários evangélicos para adaptá-la às necessidades e à cultura latino-americana, gerando formas de religiosidade híbridas que combinam o catolicismo popular latino-americano com o protestantismo importado.

Como já apontava David Martin "o que é totalmente claro é o caráter autóctone da religião evangélica no América Latina contemporânea. A fé evangélica é atualmente só uma das maneiras em que a América Latina expressa uma fé. As críticas que os cristãos norte-americanos fazem acerca da religião evangélica na América Latina se baseiam justamente em que esta religião não se ajusta às normas liberais norte-americanas. Por exemplo, ela foi descrita como uma recriação das relações paternas e pessoais que se desenvolviam na fazenda, tudo isto trasladado para as condições de uma

“A religião evangélica é uma parte genuína da sociedade latino-americana”

megalópole contemporânea. A razão disso é bastante clara. A religião evangélica é uma parte genuína da sociedade latino-americana”.

- **A adaptabilidade e a diversidade:** As igrejas evangélicas também demonstraram nessa conjuntura ser mais ágeis, ter maior capacidade de adaptação e aculturação. Essa é a tese de Jean-Pierre Bastian que ressalta que "poderíamos dizer que nesta 'hibridez' se está lidando não só com a adaptação ao mercado latino-americano, mas também com a criação de produtos originais, híbridos, que os pentecostalismos ofereceram em toda a região. Isso se nota em particular a partir da produção musical dos hinos, que de fato até os anos 70 era de origem anglo-saxão, e que a partir de então se transformou em cantos diretamente inspirados pelas tradições musicais populares endógenas. Hoje em dia, vemos se desenvolver o que estes movimentos chamam de "Ministérios de louvor", que adotam a música local, em particular o samba ou outros gêneros tropicais como a salsa etc. Inclusive se chamou a este tipo de expressão musical com algum tipo de anglicismo como "salsa-gospel" ou "samba-gospel". O importante é que os pentecostalismos foram se articulando à cultura popular, e podemos dizer que se manifestaram como religiões populares latino-americanas, o que não tinham sido os luteranismos anteriores,

históricos, que tinham sido reduzidos aos atores liberais radicais, a setores médios e não aos setores populares”.

Além disso, responderam melhor aos momentos de crise pelos quais atravessaram os países da região: criaram lugares de apoio aos mais necessitados durante as crises econômicas, como a dos anos 80, criaram redes de apoio em casos como os do terremoto de Manágua em 1974 ou da Guatemala em 1976. Paralelamente foram ganhando autonomia de suas matrizes americanas, cobriram a ausência do estado com o que unir-se a elas trazia benefícios concretos para os filiados (escolas, consultórios legais, postos de saúde). Foram, além disso, muito hábeis nas técnicas de marketing, já que aproveitaram as inovações tecnológicas como a rádio a televisão, os satélites e agora a internet, fazendo um uso estratégico dos meios de comunicação maciços para chegar a mais público.

Como assinala o acadêmico David Martin "no caso dos grupos evangélicos, eles estão ganhando para si um espaço social inteiramente sob seu controle, onde as pessoas comuns têm valor, comandam e tentam se superar. É possível que estejam contribuindo para tornar realidade esse componente padrão das democracias estáveis, uma classe trabalhadora e média baixa "respeitável", com ambições econômicas e educacionais modestas, mas realistas, e fortemente interessada em uma ordem social e moral estável. São práticos e pragmáticos, mais que teóricos, e tentam reformar a sociedade mudando os costumes culturais. Certamente,

**“A mulher encontra na comunidade evangélica um segundo companheiro que não baterá nela, que não lhe deixará o peso da família como sua responsabilidade nem gastará os poucos recursos em álcool ou com outra mulher”**

este tipo de reforma tem limites e, em todo caso, os evangélicos são só uma minoria, mas em muitas partes da América Latina contemporânea bem pode parecer que o campo da política está longe de ser tão promissor. Talvez o âmbito religioso seja neste momento o que oferece mais esperanças para tentar uma reforma ativa das práticas e uma mutação dos costumes. Após tudo, na América Latina a religião constitui a linguagem mais acessível e divulgada para obter consolo e ânimo”.

Portanto, um dos segredos do sucesso do protestantismo de tipo congregacional e pentecostal se vincula com sua adaptação a (ou compatibilidade com) as culturas latino-americanas. É o exemplo do que se desenvolve nas áreas indígenas do México e da América Central, onde se encontra mais próximo às tradições nativas que o catolicismo e o protestantismo histórico. O pesquisador social Carlos Garma sustenta que “o pentecostalismo é atrativo para os povos indígenas porque tem equivalentes nas tradições nativas de cura espiritual e os cultos pentecostais se adaptam bastante bem ao sincretismo da religiosidade popular indígena”.

As igrejas pentecostais, como assinala David Martin, não só desenvolveram uma liturgia de piedade, comovente e participativa oferecendo uma alternativa às igrejas tradicionais, mas conseguiram penetrar em e atrair uma “população historicamente silenciada, especialmente indígenas e mulheres, um espaço religioso institucional onde os pobres encontram

sua voz, praticam solidariedade e encontram satisfação emocional e social”. Os evangélicos na América Latina conseguiram captar a atenção da mulher não só dando ênfase no que se relaciona ao doméstico, ao familiar, ao lar, mas também tentando romper com o machismo e a cultura da violência contra a mulher, o que foi inclusive acompanhado de uma feminilização do estilo e da linguagem: “A mulher encontra na comunidade evangélica um segundo companheiro que não baterá nela, que não lhe deixará o peso da família como sua responsabilidade nem gastará os poucos recursos em álcool ou com outra mulher”.

#### 4. COMO SÃO OS EVANGÉLICOS

O evangelismo pentecostal e neopentecostal está ganhando espaço nesta conjuntura atual especialmente entre as classes médias urbanas ascendentes, os jovens e, nas zonas rurais, entre os indígenas. Quanto à distribuição por sexo, a tendência geral assinala que existe uma população feminina consideravelmente superior à masculina e por faixa etária o setor majoritário do espectro é o que abrange dos 35 aos 45 anos.

Quanto à situação social dos fiéis é muito variada e heterogênea. Enquanto igrejas como a Quadrangular e a Missão Cristã representam os setores mais pobres, a classe média está mais presente na Igreja de Cristo e na Igreja de Deus. Os batistas e a Igreja de Cristo em segundo representam os setores com maiores rendas. Em relação ao nível de estudo,

**“Politicamente, o mundo evangélico é também muito heterogêneo embora predominem os setores mais conservadores, sobretudo nos temas de mais valor”**

a categoria que predomina entre os fiéis é a de quem não concluiu o ensino fundamental e depois, a dos que não concluíram o médio. Só uma minoria não cursou nenhum tipo de estudos, mas todos sabem ler. Quanto a estudos universitários, 70% são batistas. Por outro lado, na Igreja Quadrangular poucos têm o ensino médio completo ou estudos universitários, o que reflete que entre os membros desta Igreja o índice médio de educação é mais baixo. Os batistas e os membros da Igreja de Cristo pertencem a camadas sociais mais altas e sua participação política é muito maior que a dos membros do pentecostalismo.

Politicamente, o mundo evangélico é também muito heterogêneo embora predominem os setores mais conservadores, sobretudo nos temas de mais valor. Assim, na Colômbia existe uma longa tradição de presença evangélica na política desde que no começo dos anos 90 durante a Assembleia Constituinte os primeiros evangélicos entraram no Legislativo. Já na atualidade existe um partido, o Movimento Independente de Renovação Absoluta (Mira) que em 2014 terminou ganhando 326.946 votos para o Senado, ficando de fora por apenas cerca de dez mil votos. Conseguiram, no entanto, se fazer representar graças aos 412 mil que obtiveram para a Câmara, que lhes proporcionou três cadeiras.

No Peru, neste momento, o partido mais forte é o Restauração Nacional (RN) liderado pelo pastor Humberto Lay Sun. Os evangélicos apoiaram o engenheiro Alberto Fujimori em 1990 e um de seus pastores, Carlos García, foi segundo vice-presidente

da República. Após o golpe de 1992 o fujimorismo e os evangélicos acabaram afastados politicamente. No Chile existem ao redor de 200 candidatos evangélicos entre prefeitos e vereadores, concentrados principalmente nas regiões indígenas do Biobío e La Araucanía, e, especificamente, em cidades como Lota, Curanilahue, Arauco, Lebu e Los Álamos. Entre eles há militantes da Democracia Cristã (DC), Renovação Nacional (RN), União Demócrata Independente (UDI), Partido Pela Democracia (PPD), Partido Radical Social Demócrata (PRSD), Partido Socialista (PS) em menor quantidade e Partido Regionalista Independente (PRI). No caso do Brasil, os membros de igrejas evangélicas conseguiram estar presentes em 16 legendas políticas e criaram três partidos próprios: o Partido Republicano de Brasil (PRB), o Partido Social Cristão (PSC) e o Partido da República (PR). Existe inclusive um partido evangélico no México, o Partido Encontro Social (PES).

## 5. BRASIL, O PAÍS COM MAIOR NÚMERO DE EVANGÉLICOS

O Brasil é o país com maior número de evangélicos em números absolutos (Guatemala o é nos relativos), porque se calcula que superam os 42 milhões, número que cresceu exponencialmente desde 2000, pois 60% dos novos evangélicos o são na atualidade há menos de uma década. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passaram de ser 15,4% da população em 2000 (26,2 milhões) para 22,2% em 2010 (42,3 milhões). Um aumento de cerca de 16 milhões de

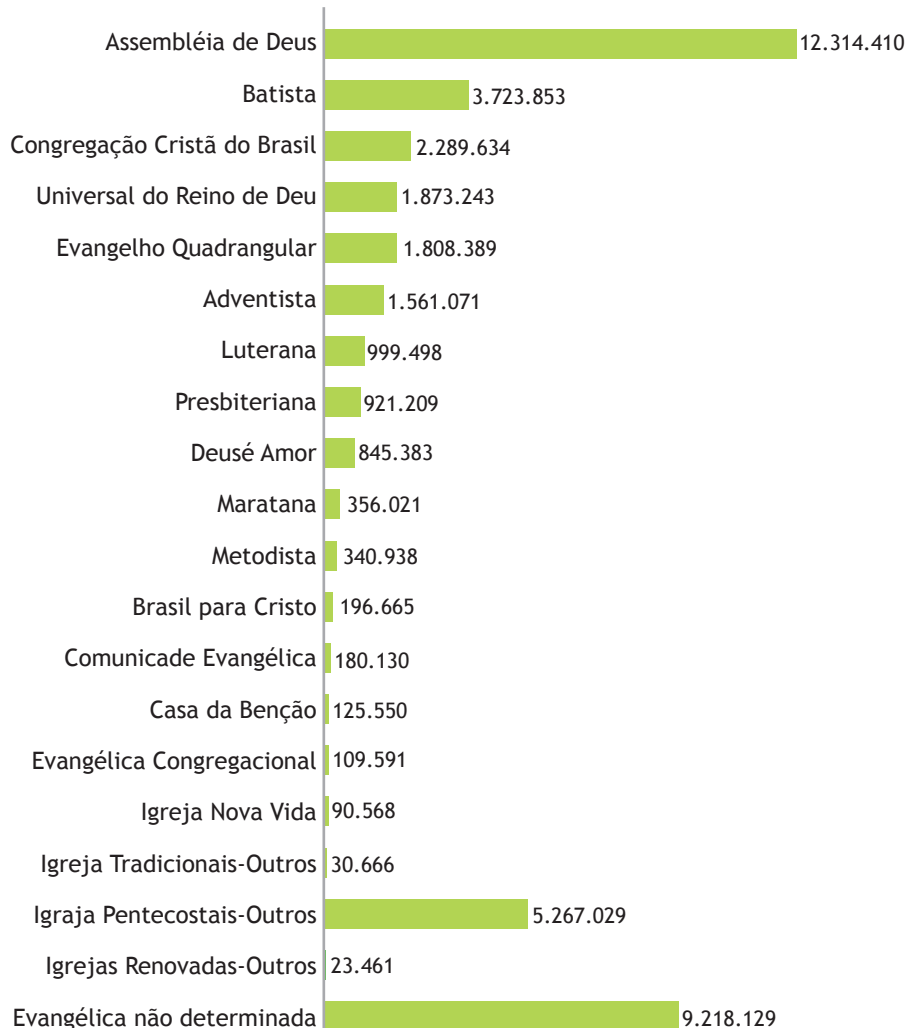
peças em dez anos, equivalente aproximadamente à população total do Chile.

Entre as igrejas evangélicas mais importantes do Brasil se destaca a Assembleia de Deus com 12 milhões de fiéis, liderada por Manoel Ferreira; assim como a Igreja da Graça, liderada por Romildo Ribeiro Soares; a Igreja Universal do Reino de Deus, dirigida pelo Bispo Edir Macedo e que conta com 1,8 milhão de seguidores; a Igreja Mundial do Poder de Deus, com 400 mil seguidores e que tem Valdomiro Santiago como líder; e a Igreja da Vitória

em Cristo, com 40 mil membros, liderada por Silas Malafaia forte opositor das causas homossexuais e contrário ao aborto.

Como se pode ver no quadro 3 o grande crescimento começa nos anos 80 coincidindo com vários fenômenos: a crise econômica do final dos anos 70 e de toda a década dos 80; o explosivo aumento da urbanização com a multiplicação das áreas marginais (favelas) onde existe tradicionalmente pouca presença do Estado e da Igreja Católica, e onde a insegurança física (roubos, assaltos, assédio das quadrilhas) e a econômica (emprego informal e poucas expectativas de trabalho) é uma constante.

## QUADRO 2: EVANGÉLICOS NO BRASIL



Fonte: <http://www.evangelizacao.blog.br/quem-sao-os-evangelicos-quantos-sao-e-onde-estao-no-brasil.aspx>

### Nas eleições de 2014, as alianças com a Bancada Evangélica são cruciais

Segundo o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os evangélicos das mais variadas denominações somam 42,3 milhões de fiéis, ou 22,2% da população, massa de eleitores cada vez mais atrativa no cenário político brasileiro. Trata-se da religião que mais cresce no Brasil, com o contínuo declínio da religião católica no país. Os católicos passaram de 73,6%, em 2000, para 64,6%, em 2010. Se a curva de crescimento perdurar, os protestantes poderão representar um terço dos brasileiros na próxima década.

A Frente Parlamentar Evangélica foi criada em 2003. Segundo reportagem da revista Veja, três anos depois, o Congresso foi atingido por um escândalo que colocou os evangélicos em evidência: a Máfia das

“A recuperação nas urnas ocorreu em 2010 com a renovação dos quadros políticos. Hoje, representantes da Assembleia de Deus são os mais numerosos”

Sanguessugas, que desviava emendas parlamentares e abastecia os bolsos de deputados e empresários, envolvendo 23 integrantes da bancada. Desses, dez eram da Igreja Universal do Reino de Deus e nove pertenciam à Assembleia de Deus, com perda de representatividade da bancada evangélica nas eleições de 2006. A recuperação nas urnas ocorreu em 2010 com a renovação dos quadros políticos. Hoje, representantes da Assembleia de Deus —que tem diversas ramificações e não possui comando único, como é o caso da Igreja Universal— são os mais numerosos.

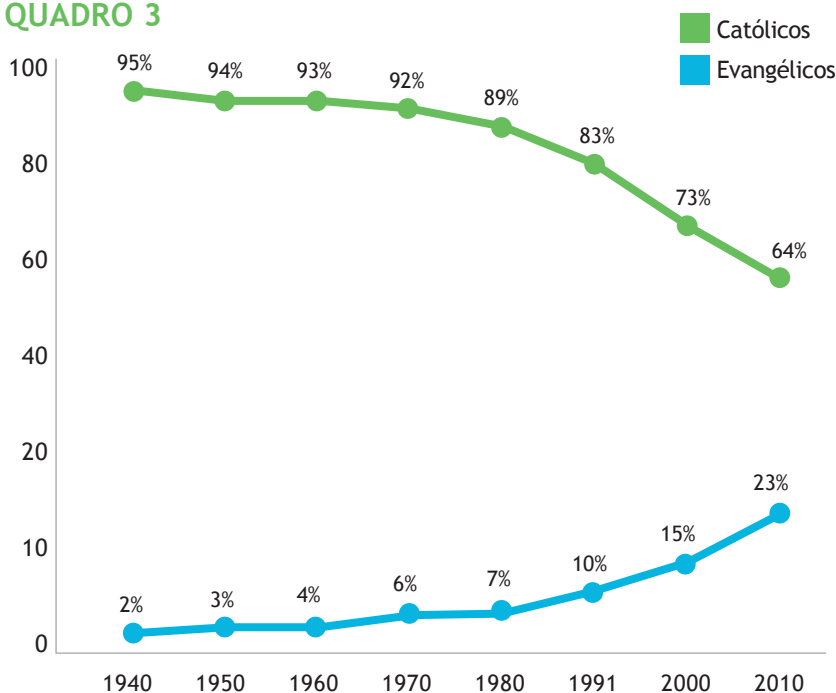
Além dos deputados, quatro senadores compõem o time evangélico no Congresso. A maioria desses 77 parlamentares pertence à base da presidente Dilma Rousseff. Mas, como algumas bandeiras

relacionadas ao aborto e ao casamento de pessoas do mesmo sexo não são prioridade na pauta dos partidos de oposição, os evangélicos acabam ocupando uma função dúbida: apoiam o governo em temas econômicos e de assistência social, mas divergem abertamente quando o Executivo quer, por exemplo, discutir temas como o aborto e ampliar os direitos aos homossexuais.

Neste contexto, para a campanha da presidente Dilma Rousseff à reeleição em 2014 foi crucial restabelecer laços com a comunidade evangélica, que mantém uma relação conflituosa com o governo como se viu no pleito eleitoral, em 2010, com o debate polêmico sobre o aborto puxado pelos religiosos. Não por acaso, os nove partidos da coligação de Dilma optaram por criar um comitê específico para sensibilizá-los. E Dilma Rousseff criou o comitê evangélico da campanha para discutir temáticas.

Nas eleições presidenciais deste ano, Dilma Rousseff não é a única candidata em busca do voto evangélico. O tucano Aécio Neves reuniu-se com o pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Convenção-Geral das Assembleias de Deus no Brasil, para fortalecer sua posição diante da bancada evangélica. Já a candidata Marina Silva, embora seja evangélica, mantém uma opinião de que política não deve se misturar à religião. Está distante dessas articulações, por ser refratária para não misturar as questões religiosas no campo político. Mas os socialistas admitem dialogar com grandes denominações evangélicas

QUADRO 3



Fonte: Revista Semana

**“O voto evangélico cresceu muito nos últimos vinte anos no Brasil, principalmente com o surgimento das igrejas neopentecostais”**

cas, a exemplo da Assembleia de Deus. A aproximação com setores religiosos ficou a cargo da comissão de articulação e mobilização, tocada por um representante do PSB e outro da Rede.

Outros líderes evangélicos reúnem-se em torno da candidatura do pastor Everaldo Dias Ferreira, do PSC. Abertamente contra a descriminalização do aborto e a união civil entre casais do mesmo sexo, o candidato é um árduo defensor da redução da maioria penal. Embora figure nas pesquisas com algo entre 3% e 4% das intenções de voto, Everaldo deve ter o mesmo espaço que Dilma, Aécio e Silva nos telejornais da TV Globo e nos debates.

Com bandeiras de forte posição sobre temas, como a maioria penal, o casamento gay e o repúdio ao aborto, Everaldo deve facilitar a vida de Aécio e Silva na campanha, inclusive por contribuir na dispersão dos votos evangélicos, o que pode precipitar o segundo turno. Deverá ainda difundir as pautas de líderes neopentecostais que disputam cadeiras no Congresso. Entre seus apoiadores está o deputado Marcos Feliciano (PSC-SP), ex-presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara e conhecido pelo seu desprezo a minorias. A cúpula do partido acredita que Feliciano triplicará o número de votos obtidos nas eleições passadas. Em 2010, ele arrebanhou 211 mil eleitores. O PSC também aposta na popularidade do cirurgião plástico Roberto Miguel Rey Junior, o Dr. Rey dos reality shows, para alavancar votos de seus candidatos a deputado federal em São Paulo.

O fato é que o voto evangélico cresceu muito nos últimos vinte anos no Brasil, principalmente com o surgimento das igrejas neopentecostais. Um segmento que ainda trabalha de forma muito fechada, o que os transforma em atores importantes na política brasileira. Mas ao mesmo tempo em que o voto evangélico garante boa estrutura na base eleitoral, ele limita a abrangência do mandato. Após eleitos, os representantes desses grupos precisam trabalhar para a base que o elegeu. Isso significa defender bandeiras conservadoras, entre elas a criminalização do aborto e a não liberação das drogas. Ao mesmo tempo em que isso agrada ao grupo específico, desagrada muitos eleitores, limitando a atuação deste político.

## 6. A SITUAÇÃO NA GUATEMALA

Junto com o Brasil, um dos casos que mais chamativos de ascensão dos evangélicos é a Guatemala, país que desde os anos 70 experimentou uma transformação religiosa muito profunda. Apesar de que não haja um censo oficial de afiliação religiosa, calcula-se que entre 65% e 70% da população seja católica, e entre 35% e 40% seja protestante.

A Guatemala é um dos países onde as igrejas evangélicas se fixaram com mais força. As linhas de desenvolvimento foram de forma paralela a como aconteceu em outros países: no século XIX cresce o protestantismo vinculado à abertura impulsionada pelos governos liberais, mas seu



**“Na atualidade, a Guatemala é o país da América Latina com a maior porcentagem de evangélicos”**

peso quanto a número de fiéis é muito pequeno. De 1882 a 1940 o peso da população evangélica era insignificante, já que constava com apenas 2% da população. A presença protestante começa a aumentar no século XIX especialmente desde 1871 com a chegada de metodistas, presbiterianos, nazarenos, episcopais, batistas e luteranos. Após a Segunda Guerra chegaram os pentecostais (Assembleia de Deus, Four Squerer Gospel e Igreja de Deus) e nos 70 os neopentecostais com igrejas como Elim, O Verbo e Fraternidade Cristão. Em 1978 a presença evangélica era calculada em 17,98% e no ano de 2001 superava os 30%.

Na atualidade, a Guatemala é o país da América Latina com a maior porcentagem de evangélicos. Embora os números variem, calcula-se que ao redor de 40% de uma população de quase 13 milhões de pessoas pertence a algumas das várias igrejas protestantes do país. A diferença entre católicos e protestantes se reduziu 22% em 18 anos, de 1996 a 2013, de acordo com o estudo "As religiões em tempos do papa Francisco", da Corporação LatinoBarómetro no Chile. Segundo a análise, em 1996 54% dos guatemaltecos professava a religião católica frente a 25% de evangélicos. Mas em 2013 o cálculo para os primeiros era de 47%, só 7% mais que os 40% que disseram professar o protestantismo.

Um exemplo do sucesso dos evangélicos para ganhar um espaço cada vez maior na sociedade guatemalteca é o da Fraternidade

Cristã, que possui o maior edifício religioso da Guatemala e da América Central, um gigantesco auditório com capacidade para 12.200 pessoas. Trata-se na realidade de um complexo de instalações, entre elas um colégio, creches e vários níveis de estacionamentos, conhecidos como megatemplos, onde desenvolvem seu trabalho pastores como Cash Luna da igreja Casa de Deus. É este o caminho por onde transitam estas igrejas que como a do próprio Cash Luna conta com uma rede de 25 emissoras de rádio em todo o país.

Além disso, a visibilidade política dos evangélicos foi muito alta na Guatemala, pois pelo menos em duas ocasiões um evangélico conquistou a presidência: em 1982 após o golpe de Estado que levou à chefia do Estado Efraín Ríos Montt e em 1991 quando Jorge Serrano Elías ganhou as eleições. Mais recentemente, um antigo pastor evangélico, Harold Caballeros foi candidato à Presidência do país nas eleições de 2011.

## 7. A SITUAÇÃO EM HONDURAS, NICARÁGUA E EL SALVADOR

Junto com Guatemala o caso mais significativo de crescimento das igrejas evangélicas na América Central é o de Honduras, El Salvador e Nicarágua. Concretamente o caso hondurenho é muito relevante, pois o país se encontra imerso em uma profunda crise política e social desde 2009 devido aos altos níveis de pobreza, desigualdade e insegurança cidadã. Toda essa conjuntura foi acompa-

**“El Salvador  
teve também um  
crescimento das  
igrejas evangélicas  
muito significativo”**

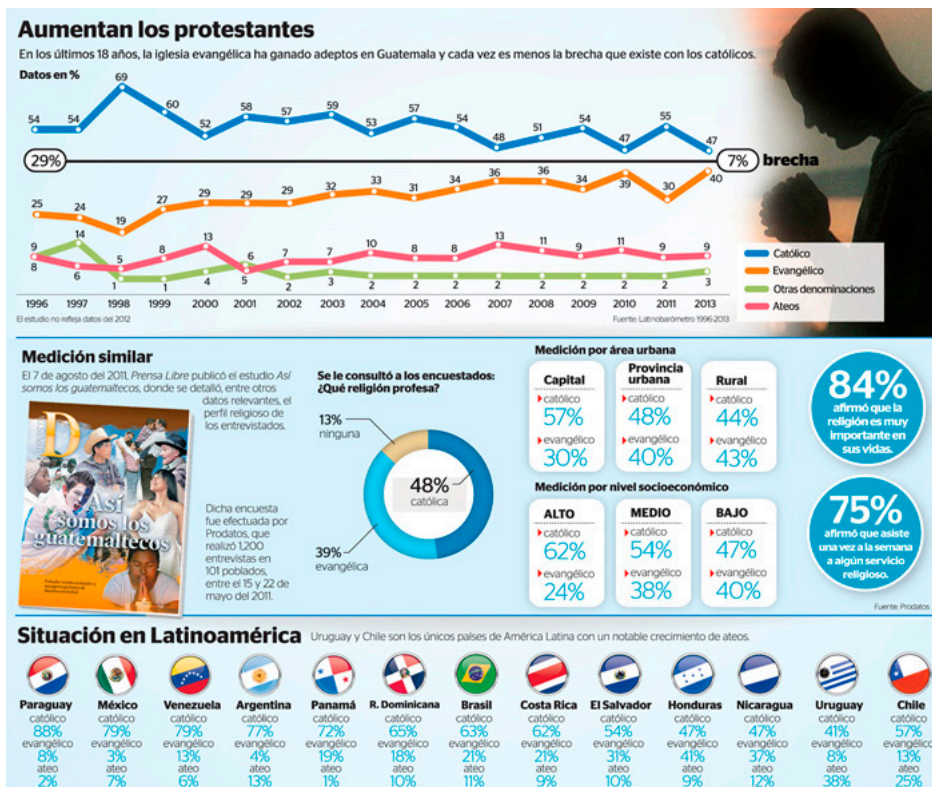
nhada de forma paralela com o aumento das igrejas evangélicas, sobretudo neopentecostais.

Nesses últimos 17 anos, o catolicismo em Honduras se reduziu em 29%, segundo um estudo do Latinobarómetro realizado entre 1995 e 2014 e intitulado "As religiões em tempos do papa Francisco". Um fenômeno que se repete em outros países, mas não com a mesma força que em Honduras: na Nicarágua (-30% de católicos), Costa Rica (-19%) e em menor medida no Panamá (-17%), El Salvador (-13%) e Guatemala (-7%). O estudo assinala Honduras como "o caso mais emblemático de mudança nas

crenças religiosas nos últimos 17 anos", ao perder o catolicismo "58 pontos percentuais de vantagem frente aos evangélicos e um total de 29 pontos percentuais de católicos". Em 1996 Honduras tinha 76% de católicos e 12% de evangélicos. Em 2013 havia 47% de católicos e 41% de evangélicos. O catolicismo em Honduras não só deixou de ser dominante, mas agora tem o mesmo peso que as crenças evangélicas. Esta é a mudança mais rápida e forte no terreno religioso dos 18 países latino-americanos desde 1996.

El Salvador teve também um crescimento das igrejas evangélicas muito significativo. Tinha em 1996 67% de católicos que diminuiu para 54% em 2013, com uma perda de 13 pontos percentuais. Os evangélicos que eram 15% em 1996 se duplicaram em 2013, alcançando 31%. Na Nicarágua, cuja população é de 5,8 milhões de pessoas, pesquisas publicadas pela M&R Consultores refletem que existe uma tendência decrescente de quem se declara católico, embora esta denominação continue sendo predominante. Os católicos, como grupo, exibem uma linha descendente desde 1991, última vez que a Igreja Católica alcançou 90%. Depois, o Censo de 1995 revelou que os católicos representavam 72,9% da população nicaraguense e mais tarde o Censo realizado em 2005 mostrou que os católicos rondavam 58,5%. Pesquisas posteriores da M&R refletiram a queda do catolicismo na Nicarágua: em abril de 2013, 53,4% se declarava católico frente a 30% de evangélicos e 14,1% de pessoas que se

**QUADRO 4**



Fonte: "Prensa Libre"

**“O crescimento das igrejas evangélicas na América Central se deve a múltiplas causas”**

consideraram crentes, mas não seguem nenhuma religião.

Em resumo, o crescimento das igrejas evangélicas na América Central se deve a múltiplas causas: os conflitos internos -guerras civis- vividas em Guatemala, El Salvador e Nicarágua nos anos 70 e 80 e que desestabilizaram estes países; as divisões e confrontos no seio da Igreja Católica que lhe impediram de responder de forma ágil à mudança social (migração campo-cidade) quando paralelamente as igrejas evangélicas foram mais flexíveis para atender e chegar aos novos grupos sociais que foram surgindo. A isso é preciso somar fenômenos cataclísmicos que causaram centenas de milhares de mortos e desabrigados, e perante os quais nem os Estados nem as Igrejas souberam responder adequadamente e esse vazio, que foi preenchido pelas igrejas evangélicas (terremoto da Guatemala em 1976, furacão Mitch em 1998 em Honduras).

## 8. RESTO DA AMÉRICA CENTRAL E O CARIBE

No resto da América Central a incidência das igrejas evangélicas não é tão grande como no Triângulo Norte e Nicarágua, mas mesmo assim estão claramente em progressão. Os números assinalam que na Costa Rica chegam a 20,8%, no Panamá a 16,4% e na República Dominicana a 22,3%.

Na República Dominicana as igrejas evangélicas também tiveram um grande aumento e agora se calcula que reúnem em torno de um quar-

to da população. Cresceram em torno da Congregação Cristã na cidade de Santiago, do pastor Yasser Rivas; da Igreja Batista Internacional, de Miguel Núñez; Catedral da Fé, de Fernando Belliard. Além disso, da Igreja Mahanaim, do pastor Ezequiel Molina Rosario; Ministérios Elim, de Fernando Ortiz; e da Igreja Cristã Palavras de Vida, de Raffy Paz, todas estas últimas localizadas na capital.

No Panamá a segunda religião com mais fiéis é a evangélica, com 16,4% da população. Segundo a estimativa que faz a Controladoria Geral da República, deve haver mais de três milhões de pessoas vivendo no Panamá. Isto quer dizer que 2,7 milhões são católicos e 613 mil são evangélicos. A Costa Rica também experimentou uma mutação no âmbito religioso. Em 1996 este país tinha 81% de católicos e 9% de evangélicos. Em 2013 contava com 62% de católicos e 21% de evangélicos. Os evangélicos mais que duplicaram, enquanto os católicos diminuíram 21 pontos percentuais.

## 9. AS PECULIARIDADES DO CASO MEXICANO

No México, ao contrário do Brasil, as diferentes igrejas evangélicas não estão tão espalhadas em nível nacional embora em determinados estados seu peso seja muito grande. Em 20 anos a população evangélica mexicana aumentou, enquanto a religião católica mostra uma queda de 4,40% em comparação a 1980. Um estudo elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística Geografia e Informática (Inegi), em 1970, mos-

**“A mudança religiosa foi diferente e como assinala Alberto Hernández, diferentes causas provocam o mesmo efeito e as mesmas causas produzem efeitos diferentes”**

trava que 96,2% professava a religião católica, mas para o ano 2000, essa porcentagem caiu para 87,8% do total. Em 2012 no México, os definidos como católicos foram 83,9% da população enquanto os evangélicos e protestantes chegaram a 7,6% da população, quase dois pontos e meio mais que em 2000. Só entre 2000 e 2010 se somaram mais de 3 milhões de pessoas, superando os 8 milhões de fiéis.

Os protestantes se espalharam na maior parte do país, mas onde mais sucesso tiveram é nos dois extremos do território nacional: a fronteira norte (zona de intensa migração e urbanização nas últimas décadas) e no sudeste, espaço no qual vive a maior quantidade de população indígena e que sofreu um processo de deterioração e empobrecimento. As igrejas evangélicas têm presença em todo o país, mas uma maior penetração nos estados do sudeste - Oaxaca, Chiapas, Campeche, Tabasco e Quintana Roo - e do norte - Baixa Califórnia, Tamaulipas e Chihuahua. A média nacional tem extremos muito díspares. No centro e em El Bajío de México o catolicismo reúne porcentagens superiores, ou próximos, a 90%. Enquanto em Guanajuato praticamente 94% dos recenseados é católico, em Chiapas só 58% o é.

As igrejas evangélicas no México se desenvolveram nessas duas regiões muito diferentes, já que enquanto a fronteira norte é um território urbano (a maioria de sua população vive em grandes aglomerações humanas) e desenvolvido (baixas taxas de desemprego e altos indicadores de bem-estar),

o sudeste representa a contrapartida: se trata de um território rural pobremente desenvolvido. A mudança religiosa foi diferente e como assinala Alberto Hernández, "diferentes causas provocam o mesmo efeito (o norte é urbano e o sul é rural, mas ambas regiões têm um alto número de protestantes) e as mesmas causas produzem efeitos diferentes (o crescimento dos protestantes origina intolerância, mas só no sudeste, não na fronteira norte). O que na fronteira norte favorece a mudança, no sudeste é irrelevante, e vice-versa. Mas a fronteira norte e o sudeste não são casos totalmente antitéticos; compartilham algumas similitudes. Ambas as regiões coincidem em poucos mas importantes pontos, entre eles a importância relativa do fenômeno migratório e seu distanciamento do centro de poder econômico nacional; isto é, ambas as regiões compartilham uma condição de periferia".

O perfil do evangélico mexicano é de uma mulher que vive na cidade, embora ao contrário do que se costuma crer o grande crescimento evangélico se dá nas áreas rurais que se transformaram no melhor "mercado" para as Igrejas protestantes e evangélicas. Isto não quer dizer que o espaço urbano tenha deixado de ser um lugar propício para a mudança religiosa. A maioria dos protestantes mexicanos são pentecostais.

## 10. O PENTECOSTALISMO NOS ANDES

Fora das regiões citadas (Brasil, Guatemala, Honduras, Nicarágua

**“No Equador a maioria dos equatorianos dizem ser católicos, segundo revela uma pesquisa divulgada recentemente pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censo (INEC)”**

e México) a presença das igrejas evangélicas é menor no resto da América Latina. Seus números ainda são modestos em comparação com a América Central e o caso brasileiro (não superam 20% da população), mas seu crescimento foi rápido e muito significativo também na região andina (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia).

O centro de Pesquisa Pew Research, dos Estados Unidos, mostra em sua página de internet que a Venezuela tem 25.890.000 de cristãos, dos quais 22.500.000 são católicos. Mas também há no país mais de 5 milhões de evangélicos. Na Colômbia o crescimento se acelerou nos últimos anos, após décadas de estagnação ou lento crescimento: com cerca de 43 milhões de habitantes, os evangélicos já superaram os cinco milhões e os católicos caíram para 82% da população. Peru e Equador são os países onde as igrejas evangélicas menos cresceram. A população total do Peru chega a 28.220.764 de habitantes e segundo os resultados do Censo de 2007, 16.960.443 de pessoas professam a religião católica, 81,3% da população. Segue-lhe em importância a população evangélica que supera os dois milhões e meio (12,5%).

No Equador a maioria dos equatorianos dizem ser católicos, segundo revela uma pesquisa divulgada recentemente pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censo (INEC). Exatamente 91,9% da população afirma ter uma religião, dos quais 80,4% pertencem à religião católica, seguido pela evan-

gética que teriam alcançado 13% da população (mais de 1,8 milhão de pessoas). Seu crescimento aconteceu nas grandes cidades do país, especialmente Quito e Guayaquil, assim como nas áreas indígenas (Chimborazo). Tanto cresceram as igrejas evangélicas indígenas e despertou sua consciência política que em 1980 se fundou a Federação Equatoriana de Indígenas Evangélicos (FEINE), conhecida como o Conselho de Povos e Organizações Indígenas Evangélicos do Equador.

## 11. CAUSAS DO CRESCIMENTO DO MOVIMENTO EVANGÉLICO

A pergunta que se deve ser feita após ter visto o panorama das igrejas evangélicas na América Latina é analisar quais foram as razões pelas quais os pentecostais experimentaram esse espetacular crescimento.

As primeiras teorias que surgiram consideravam que no crescimento evangélico predominavam as causas exógenas, de cunho político, vinculadas ao esforço "contrainsurgente" dos Estados Unidos em relação à região latino-americana e em particular à América Central. Citava-se o Relatório Rockefeller de 1969 e os Documentos Santa Fé I e II nos anos 80, nos quais se recomendava abertamente o uso destes grupos religiosos fundamentalistas como parte de uma estratégia contrainsurgente dos EUA e da CIA, orientada a deter o auge da Teologia da Libertação. Exemplo de como estas teses se estenderam é um texto do

**“Desde os anos 60 os pesquisadores sociais foram lançando uma série de ideias novas para entender o auge evangélico buscando a explicação em causas endógenas antes que nas exógenas”**

analista Franco Martínez Mont no diário "Prensa Libre" da Guatemala em 2011, que assinalou que "as igrejas neopentecostais surgem no final da década de 1950 como uma ferramenta controladora do governo dos Estados Unidos - polos contrainsurgentes na América Latina - com a benevolência das oligarquias e facções fascistoides da vez que modificaram o mapa religioso, alterando o status quo da Igreja Católica, "cristianizando" os segmentos subalternos e incidindo na política".

No entanto, desde os anos 60 os pesquisadores sociais foram lançando uma série de ideias novas para entender o auge evangélico buscando a explicação em causas endógenas antes que nas exógenas. E entre elas sobressaem as seguintes:

- **O enfraquecimento e as divisões internas na Igreja Católica:** Entre os fatores internos cabe assinalar a existência a partir dos anos 60 de uma Igreja Católica politizada, dividida, fragmentada, segmentada e descoordenada que claramente perdeu autoridade moral entre a população e capacidade de chegar a todos os cantos de cada um dos países latino-americanos. Uma Igreja Católica que se introduziu em temas políticos e recebeu influências do marxismo como demonstra o crescimento dentro de sua estrutura da Teoria da Libertação.
- **Maior flexibilidade e capacidade de adaptação do**

**movimento evangélico:** As igrejas evangélicas mostraram uma maior capacidade de adaptação e inovação com desenvolvimento de suas prédicas e técnicas inovadoras de proselitismo (na rádio e na televisão), utilização de um marketing muito inovador apoiado na adesão ao movimento de personalidades conhecidas (cantores, atores e sobretudo desportistas) e uma melhor conexão com os setores populares (sublinhando os elementos relacionados com a oralidade, a música e as línguas autóctones).

A professora de Antropologia da Universidade de Sevilha, Manuela Cantón Delgado, afirma que "o catolicismo está muito tempo em retrocesso perante as igrejas evangélicas, muito mais flexíveis". Igrejas que, em palavras deste especialista, ao ser mais participativas e contar com centros de culto menores, provocam um maior conhecimento e apoio mútuo entre seus fiéis. Pelo contrário, a Igreja Católica mantém uma "organização muito vertical". Nessa mesma linha, Monseñor Gregorio Rosa Chávez, arcebispo de San Salvador, assinala que "na Igreja Católica há menos calor humano. As pessoas não conhecem quem está sentado a seu lado. Os evangélicos estão preenchendo um vazio que nós deixamos. É um verdadeiro desafio pastoral, e a renovação da Igreja Católica responde a esta necessidade de mudança".

**“Como todas as vertentes protestantes o pentecostalismo é dinâmico, ou seja, tem uma grande capacidade para mudar e se adaptar”**

Como todas as vertentes protestantes o pentecostalismo é dinâmico, ou seja, tem uma grande capacidade para mudar e se adaptar, o que explicaria as particularidades e a virtualidade do pentecostalismo latino-americano. No entanto, segundo David Martin, o pentecostalismo é mais flexível que as demais formas protestantes, pelo qual pode se adaptar mais facilmente às culturas locais e indígenas. Esta possibilidade, apesar de permitir que se reproduzam algumas das estruturas de autoridade e organização social fundadas no sistema de fazenda, permite também a participação dos laicos na liderança. Além disso, as igrejas evangélicas tiveram capacidade de acolhimento de novos nichos de população, de minorias étnicas (indígenas) e das mulheres, às quais não só outorga maior papel dentro da liturgia, mas ganha seu apoio para o equilíbrio familiar ao reforçar os valores patriarcais, e impulsionando a participação feminina na esfera pública.

- **Mudanças socioeconômicas favorecem crescimento evangélico:** O movimento evangélico se viu favorecido pelas grandes mudanças e transformações que a América Latina experimentou após a Segunda Guerra Mundial: A migração rural-urbana que aconteceu desde os anos 50 e que foi aumentando nos 60, 70 e 80, a qual ainda perdura.

O desapego em plena transição da sociedade rumo a uma nova situação predominante urbana, continua sendo uma das explicações que foram dadas do auge neopentecostal: "Quando iam para cidades estranhas, as igrejas irmãs lhes davam um parentesco fictício e lhes serviam como uma agência de referência. Ajudados por um estrito código moral e por ferventes exortações, muitos membros pobres e seus filhos conseguiram ascender na estrutura social", aponta Stoll.

E outro dos grandes teóricos e especialistas no crescimento neopentecostal, Lalive D'Épinay, explica que "a urbanização aconteceu em um contexto de pobreza e miséria estruturais, onde a precariedade é acompanhada pela desestruturação dos sistemas familiares e dos sistemas de valores, desestruturação que adquire um caráter traumático para estas povoações. Neste contexto social, os grupos pentecostais se constituem em espaços para a criação de redes de solidariedade e para a restauração dos vínculos comunitários, em uma dinâmica na qual o pentecostalismo permite a continuidade entre as estruturas sociais rurais e as formas de organização social dos setores urbanos excluídos. Se transforma assim em uma alternativa social para enfrentar a anomia, ou nos termos de nosso autor em refúgio das massas".

**“A religião católica continua sendo a majoritária inclusive onde os evangélicos se aproximam de 50% da população”**

## 12. CONCLUSÕES

Uma vez analisado o fenômeno evangélico na América Latina, em geral, e o pentecostal e neopentecostal em particular, se pode chegar às seguintes conclusões:

- **A América Latina deixou de ser católica de forma hegemônica:** Em outras palavras, a herança colonial de uma América Latina homogênea no sentido religioso se quebrou, de forma definitiva, há meio século com o rápido crescimento dos diferentes ramos das igrejas evangélicas, as quais representam na maioria dos países entre um terço e um quarto da população.
  - **O catolicismo continua sendo majoritário:** Sem negar esse crescimento, no entanto, a religião católica continua sendo a majoritária inclusive onde os evangélicos se aproximam de 50% da população (casos de Honduras e Guatemala). Como assinala o relatório Latinobarómetro, 12 dos 18 países da região têm mais de 60% de sua população que se declara católica. Em nove países há mais de 70% de católicos, em outros três mais de 60%, e em dois mais de 50% de católicos.
  - **As causas da mudança foram endógenas:** Por trás do crescimento das igrejas evangélicas não houve uma conspiração patrocinada pelos EUA durante a "Guerra Fria", mas seu enorme crescimento responde a causas internas e a condições próprias de cada país latino-americano mais que a fenômenos homogêneos que afetaram da mesma forma todas as nações do continente. O aumento dos evangélicos responde a uma grande diversidade de motivos, muito difíceis de generalizar.
  - **Já não cresce só nas zonas urbanas:** Nesta segunda década do século XXI, o mais rápido crescimento do protestantismo latino-americano está acontecendo nas áreas rurais e zonas com uma alta proporção de população indígena. Apesar de ser certo que essas áreas rurais registram o maior avanço protestante, os evangélicos das cidades também seguem aumentando. Portanto, o crescimento dos protestantes envolve, na atual conjuntura, tanto a cultura urbana como a rural.
  - **O futuro do evangelismo:** “Ao olhar tanto para as conversões como também para as deserções, é possível perguntar se os evangélicos estão destinados a se manter sendo uma pequena, mas vibrante minoria ou se são capazes de adotar quantidades suficientes de latino-americanos para transformar toda uma sociedade latino-americana”. Esta pergunta sobre a futura progressão das igrejas evangélicas do sacerdote Edward Louis Cleary (1929-2011) continua plenamente vigente.
- Tudo indica que os evangélicos crescerão, como o fizeram



**“Os traumas políticos, econômicos ou grandes desastres naturais unidos a uma conjuntura de mudança e transformação socioeconômica explicam o auge evangélico desde os anos 50”**

historicamente, onde haja crise sociais e econômicas (rápida migração campo-cidade, urbanização acelerada, aumento da insegurança cidadã, emprego precário, crise de valores e falta de oportunidades). No entanto, à medida que as classes médias urbanas crescem e aumenta o número daqueles que têm acesso a estudos universitários superiores as sociedades latino-americanas irão se secularizando ou pelo menos as igrejas neopentecostais irão perdendo capacidade de mobilização, sobretudo as de maior caráter fundamentalista e/ou populista. Uma situação que pode favorecer o crescimento das igrejas pentecostais com perfis menos radicais.

Os traumas políticos (guerras dos anos 70), econômicos (crise dos anos 80) ou grandes desastres naturais unidos a uma conjuntura de mudança e transformação socioeconômica explicam o auge evangélico desde os anos 50. Mas essa mudança, realmente revolucionária de urbanização acelerada já se deu e agora assistimos a um período de consolidação, onde as novas gerações já são plenamente urbanas -nasceram nas grandes cidades - e não são produto da emigração e do desarraigo, embora este fenômeno, especialmente, siga estando presente devido à falta de expectativas trabalhistas e um sistema educacional que fomente a igualdade de oportunidades.

Nos próximos anos tudo indica que assistiremos a um crescimento mais pausado das igrejas evangélicas as quais mostraram

ter grande capacidade de adaptação, mas também podem encontrar duras resistências: em zonas com uma história ou raízes especialmente forte do catolicismo (a região de Jalisco no México) ou uma tradição laica e urbana muito marcada como no caso da Argentina e sobretudo Uruguai. Não é previsível um abandono em massa de fiéis que deixem as igrejas evangélicas para retornar ao seio do catolicismo ou emigrar para novas confissões (embora ambos os processos, em pequena medida, possam acontecer). Mas também não, em linhas gerais, é de se esperar uma continuidade do crescimento exponencial evangélico como o que se esteve acontecendo até agora.

Nos próximos anos, é muito possível que assistamos a três grandes dinâmicas que vão acontecer de forma paralela:

- Uma reação da própria Igreja Católica por causa das mudanças e propostas que acontecem pelas mãos do novo papa Francisco, cuja mensagem procura dar um novo impulso ao catolicismo, especialmente na região da qual ele procede, a América Latina. Sem dúvida as mudanças que promove (que, ao mesmo tempo, vão produzir fortes tensões internas) buscam aproximar a Igreja a seus fiéis, tentar recuperar terreno perdido na América Latina e torná-la mais ágil e flexível.
- O exemplo argentino e uruguaio, de altas taxas de lai-

**“As igrejas evangélica, com sua enorme capacidade de adaptação e sua flexibilidade, vão continuar muito presentes”**

cismo e secularização dentro de uma sociedade de classes médias, educadas e urbanas, vai se espalhar pela região como uma tendência cada vez com maior força, embora não nos níveis europeus, pois o peso da tradição e das crenças é muito forte na América Latina e abrange a todas as classes sociais e a diferentes camadas educativas.

- As igrejas evangélica, com sua enorme capacidade de

adaptação e sua flexibilidade, vão continuar muito presentes na região assumindo novos desafios e papéis segundo a demanda da sociedade e dos novos tempos. Talvez o crescimento já não seja exponencial mas sim que virá no compasso das mudanças sociais, o que em uma sociedade mais educada e urbana de classes médias vem junto com o crescimento de igrejas evangélicas mais moderadas em suas formas.

# LLORENTE & CUENCA

CONSULTORES DE COMUNICAÇÃO

## Consultoria de Comunicação líder na Espanha, Portugal e na América Latina

A LLORENTE & CUENCA é a primeira consultoria de Comunicação da Espanha, Portugal e América Latina. Conta com 17 sócios e 330 profissionais que prestam serviços de consultoria estratégica a empresas de todos os setores de atividades, com operações voltadas para o mundo que fala espanhol e português.

Atualmente, possui escritórios próprios na Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, China, Equador, Espanha, México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana. Além disso, através de empresas afiliadas, oferece seus serviços nos Estados Unidos, Bolívia, Uruguai e Venezuela.

Seu desenvolvimento internacional levou a LLORENTE & CUENCA a ocupar, em 2014, a posição 55.ª do Ranking Global das empresas de comunicação mais importantes do mundo, produzido anualmente pela publicação The Holmes Report.

## Organização

### DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente  
Sócio Fundador e Presidente  
jallorente@llorenteycuenca.com

Enrique González  
Sócio e CFO  
egonzalez@llorenteycuenca.com

Jorge Cachinero  
Diretor Corporativo de Inovação  
jcachinero@llorenteycuenca.com

### ESPAÑA Y PORTUGAL

Arturo Pinedo  
Sócio e Diretor Geral  
apinedo@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo  
Sócio e Diretor Geral  
acorujo@llorenteycuenca.com

#### Madrid

Joan Navarro  
Sócio e Vice-presidente de Assuntos Públicos  
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla  
Sócio e Diretor Sênior  
amoratalla@llorenteycuenca.com

Juan Castellero  
Diretor Financeiro  
jcastillero@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 – planta 3  
28001 Madrid (Espanha)  
Tel: +34 91 563 77 22

#### Barcelona

María Cura  
Sócia e Diretora-Geral  
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª  
08021 Barcelona (Espanha)  
Tel: +34 93 217 22 17

#### Lisboa

Madalena Martins  
Sócia  
madalena.martins@imago.pt

Carlos Matos  
Sócio  
carlos.matos@imago.pt

Rua do Fetal, 18  
2714-504 S. Pedro de Sintra (Portugal)  
Tel: +351 21 923 97 00

### AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero  
Sócio e CEO da América Latina  
aromero@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo  
Sócio e CFO da América Latina  
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

Antonio Lois  
Diretor Regional de Recursos Humanos  
alois@llorenteycuenca.com

#### Bogotá

María Esteve  
Diretora Geral  
mesteve@llorenteycuenca.com

Germán Jaramillo  
Presidente Conselheiro  
gjaramillo@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B – of. 501  
Bogotá (Colômbia)  
Tel: +57 1 7438000

#### Buenos Aires

Pablo Abiad  
Sócio e Diretor Geral  
pabiad@llorenteycuenca.com

Enrique Morad  
Presidente Conselheiro para o Cone Sul  
emorad@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP  
Ciudad de Buenos Aires (Argentina)  
Tel: +54 11 5556 0700

#### Lima

Luisa García  
Sócia e CEO da região Andina  
lgarcia@llorenteycuenca.com

Cayetana Aljovín  
Gerente Geral  
caljovin@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7  
San Isidro - Lima (Peru)  
Tel: +51 1 2229491

#### México

Juan Rivera  
Sócio e Diretor Geral  
jrivera@llorenteycuenca.com

Bosque de Radiatas # 22 – PH7  
05120 Bosques de las Lomas (México)  
Tel: +52 55 52571084

### Panamá

Javier Rosado  
Sócio e Diretor Geral  
jrosado@llorenteycuenca.com

Avda. Samuel Lewis. Edificio Omega, piso 6  
Tel: +507 206 5200

### Quito

Catherine Buelvas  
Diretora Geral  
cbuelvas@llorenteycuenca.com

Av. 12 de Octubre 1830 y Cordero.  
Edificio World Trade Center, Torre B, piso 11  
Distrito Metropolitano de Quito (Equador)  
Tel: +593 2 2565820

### Río de Janeiro

Yeray Carretero  
Diretor  
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 – sala 1801  
Rio de Janeiro – RJ (Brasil)  
Tel: +55 21 3797 6400

### São Paulo

José Antonio Llorente  
Socio Fundador y Presidente

Juan Carlos Gozzer  
Diretor Geral  
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, CJ 111,  
Cerqueira César  
CEP 01426-001 São Paulo SP (Brasil)  
Tel: +55 11 3082 3390

### Santiago de Chile

Claudio Ramírez  
Sócio e Gerente Geral  
cramirez@llorenteycuenca.com

Avda. Vitacura 2939 Piso 10. Las Condes  
Santiago de Chile (Chile)  
Tel.: +56 2 24315441

### Santo Domingo

Alejandra Pellerano  
Diretora Geral  
apellerano@llorenteycuenca.com

Avda. Abraham Lincoln  
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7  
Tel: +1 8096161975



A d+i é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

A d+i é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

A d+i é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe d+i LLORENTE & CUENCA.

[www.dmasillorenteycuenca.com](http://www.dmasillorenteycuenca.com)

**d+i** LLORENTE & CUENCA